

# O poeta e a cidade no mundo romano

Cristina Pimentel, José Luís Brandão,  
Paolo Fedeli (coords.)

## TIBULO, O ELEGÍACO DA ROMANIDADE

LUÍS MANUEL GASPAR CERQUEIRA  
Universidade de Lisboa  
Centro de Estudos Clássicos

“Só a obra sobra, o resto soçobra”, disse um poeta. E a biografia dos poetas decanta-se e cristaliza-se nos seus versos, na quinta-essência eterna da beleza que deixam ao mundo. As circunstâncias concretas das suas vidas escoam-se no imenso fluir do tempo, as mais das vezes sem consequências muito relevantes para o entendimento da obra.

Os poucos dados que possuímos sobre a vida de Tibulo, contudo, têm quase toda a relevância para o entendimento dos seus versos. Até para não levarmos a sério algumas das afirmações pretensamente biográficas do sujeito da enunciação, *persona* do poeta Tibulo.

A obra de Tibulo é breve: do *corpus Tibullianum* só os dois primeiros livros lhe pertencem, dezasseis poemas ao todo, que perfazem 1200 versos. E breve foi também a vida deste poeta, que faleceu jovem em 19 a. C., no mesmo ano que Vergílio. Um epigrama transmitido pelos manuscritos tibulianos e atribuído a Domício Marso assinala a coincidência da morte destes poetas tão diferentes e tão semelhantes:

Também a ti, Tibulo, uma morte injusta enviou ainda jovem  
para os Elísios Campos, como companhia de Vergílio,  
para que não houvesse quem chorasse com elegias os meigos amores  
ou cantasse com fortes versos as régias guerras.<sup>1</sup>

Esta obra breve e curta vida lograram todavia alcançar-lhe um lugar de exceção no género elegíaco, sendo considerado pelos Romanos o seu melhor poeta. A opinião de Quintiliano tem uma credibilidade alicerçada no fino gosto e sensatez do Retor, que justifica o seu apreço por Tibulo com a qualidade estilística:

“Na elegia pedimos meças aos Gregos, e para mim o autor elegíaco mais terso e elegante é Tibulo. Há quem prefira Propércio. Ovídio é mais lascivo que qualquer deles, tal como Galo é mais duro”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> *Te quoque Vergilio comitem non aequa, Tibulle,/ Mors iuvenem campos misit ad Elysios/ ne foret aut elegis molles qui fleret amores/ aut caneret forti regia bella pede.*

<sup>2</sup> *Elegia quoque graecos prouocamus, cuius mihi tersus atque elegans maxime uidetur auctor Tibullus. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior sicut durior Gallus, Institutio Oratoria, X, 1, 93.*

Mas esta opinião reflecte uma sensibilidade mais geral, como se percebe pelo testemunho da brevíssima *Vita* integrada na tradição manuscrita, possivelmente uma versão tardia e abreviada de uma biografia tibuliana do *De poetis*, uma secção hoje perdida do *De uiris illustribus* de Suetónio:

“Este é, na opinião de muitos, o melhor dos poetas elegíacos”<sup>3</sup>.

Este apreço é ainda reiterado por Ovídio num comovente poema sobre a sua morte. A “chorosa elegia” retoma a sua origem fúnebre, pois o “seu poeta”, “a fonte do seu prestígio”, arde numa pira<sup>4</sup>.

As razões deste apreço generalizado não são apenas estilísticas, como veremos.

Devo dizer que, se houve críticos modernos que questionaram esta primazia, nomeadamente no séc. XIX, eu estou completamente de acordo com os Antigos, e tenho de há muito Tibulo como o meu elegíaco favorito. Tento aqui perceber e explicar porquê, evidenciando as suas qualidades específicas, confrontando Tibulo com a tradição elegíaca helenística e com os seus confrades: Galo, Tibulo, Propércio e Ovídio.

Estes quatro nomes formam o cânone dos poetas elegíacos latinos, e são cronologicamente ordenados numa referência de Ovídio, que nos permite calcular a data de nascimento de Tibulo entre 60 e 55 a.C., tendo portanto falecido com cerca de 36 anos<sup>5</sup>.

É certo que Ovídio refere apenas os poetas que se dedicaram exclusivamente ou predominantemente ao metro elegíaco, o que o faz pôr de lado Catulo, cuja importância no processo de apropriação romana da tradição alexandrina é fundamental.

O fundador da elegia romana será, então, Cornélio Galo. Os quatro livros de elegias de Galo perderam-se, à excepção de um verso, conhecido por tradição indirecta. Nos fins do séc. XX foi descoberto um papiro com nove versos de Galo parcialmente mutilados, em Qasr Ibrim, no Egipto, na bagagem de um oficial romano, e publicados em 1979. Estes versos, apesar da escassez do material, revestem-se de grande importância. Galo é o fundador da escrita elegíaca como género em Roma, e representa a charneira com a poesia elegíaca helenística. A dedicatória a Galo por parte do grego Parténio, último

---

<sup>3</sup> *hic multorum iudicio principem inter elegiographos obtinet locu, Vita.*

<sup>4</sup> *Memnona si mater, mater plorauit Achillem, / et tangunt magnas tristia fata deas, / flebilis indignos, Elegia, solue capillos! / a, nimis ex uero nunc tibi nomen erit / ille tui uates operis, tua fama, Tibullus / ardet in extructo, corpus inane, rogo. Amores, III, 9.*

<sup>5</sup> *Vergilium uidi tantum, nec auara Tibullo / tempus amicitiae fata dedere meae. / successor fuit hic tibi, Galle, Propertius illi; / quartus ab his serie temporis ipse fui. Tristia, IV, 10.*

grande elegista da escola alexandrina, da sua obra *Erotika pathemata*, antologia em prosa de histórias mitológicas coligidas a partir dos poetas helenísticos, faz conjecturar uma proximidade temática e estilística com os poemas narrativos de carácter mitológico, tanto mais que os mitos desta se destinavam a propiciar material de trabalho a Galo.

Acresce a esta filiação que uma das poucas coisas que se sabem de Eufóron de Cálcis é o facto de as suas elegias terem sido imitadas por Galo e pelos elegistas subsequentes, segundo o gramático Diomedes<sup>6</sup>, que refere também Calímaco como fonte.

Por outro lado, nos fragmentos do “novo Galo” a amada surge como fonte da infelicidade do poeta e é chamada *domina*, introduzindo a temática do *seruitium amoris* e revelando a dimensão pessoal da sua poesia.

Adivinham-se, pois, em Galo, traços da herança elegíaca grega e elementos confessionais e temas que caracterizarão a elegia latina.

A obra de Tibulo é contudo a primeira do género em Roma que chegou integralmente até nós e nos permite aquilatar documentadamente quais os elementos resultantes da tradição e em que consiste a originalidade da elegia latina.

A distinção básica entre a tradição helenística, tanto quanto se percebe pelos fragmentos que nos chegaram, e a elegia latina consiste numa oposição entre elegia objectiva e subjectiva. Os poetas elegíacos gregos cultivaram uma elegia em que narram as experiências amorosas de personagens míticas e históricas, na terceira pessoa. Trata-se, pois, de uma elegia amorosa objectiva. Isto apesar de ocasionalmente surgirem em Calímaco monólogos em que se derrama a subjectividade do sujeito da enunciação.

A elegia romana, ao invés, explora as emoções e as vivências narradas na primeira pessoa, sendo, assim, uma elegia subjectiva. Esta dimensão pessoal encontra-se na literatura grega helenística e grega arcaica sobretudo no epigrama e representa uma evolução peculiar da elegia latina.

É certo que os poetas latinos criam *personae* que não coincidem com as características biográficas dos autores, e esta oposição é assim relativa, mas real, pela diferença básica que provoca no tom do género, que se torna pessoal e confessional, o que já encontramos em Galo.

A ilustrar esta ficção biográfica está o facto de Tibulo falar recorrentemente da sua *paupertas*, contudo na *Vita* o poeta é dado como *equus Romanus*, estatuto que partilha com os outros três elegíacos da lista ovidiana, o que implica um desafio económico, isto apesar dos estragos que a guerra civil possa ter

---

<sup>6</sup> *Quod genus carminis precipue scripserunt apud Romanos Propertius et Tibullus et Gallus imitati Graecos Callimachum et Euphoriona*. Diomedes, *Ars Grammatica*.III, in *Grammatici Latini*, ed. Heinrich Keil, I, Georg Olms, Hildesheim, 1961, p. 484.

causado ao seu património, o que se percebe por algumas referências na sua obra e que aliás aconteceu também com Propércio e Vergílio. A sua *paupertas* e as frequentes afirmações do carácter modesto do seu património têm, pois, de ser vistas de um modo muito relativo, tal como as suas invectivas contra o *diues amator*, pois estamos perante lugares-comuns do género.

Sabemos pelo testemunho de Horácio que era rico e bem-parecido, e que sabia viver a vida:

Álbio, de meus trabalhos literários honesto juiz,  
que direi que tu estarás a fazer na região do Pedo?  
A escrever algo que suplante os opúsculos de Cássio de Parma  
ou a passear silencioso por entre as saudáveis florestas,  
cuidando no que é digno de um homem bom e sábio?  
E tu não eras um corpo sem coração: os deuses deram-te a beleza,  
a riqueza os deuses te deram, e a arte de as gozar.<sup>7</sup>

Horácio aprecia nele a elevação aristocrática e a busca do que convém a um homem requintado e sábio, na rivalidade com outros poetas e no afastamento para o seu recesso campestre da região pedana, afastamento com que Horácio naturalmente se identifica.

Tíbulo tem a beleza, as riquezas e a arte de as gozar. Esta imagem de um Tibulo rico e bem-parecido coincide com a *Vita*, que o chama de “belo e bem cuidado”<sup>8</sup>, e contrasta com muito do que nos seus poemas nos diz sobre a modéstia da sua condição.

Por outro lado, esta oposição elegia objectiva/subjectiva tem ainda de ser matizada, para além da questão das *personae* poéticas, com uma utilização ecléctica de modelos pelos elegíacos romanos, que hoje se admite, e em que a Comédia Nova e sobretudo o epigrama, veículo da subjectividade erótica, têm também de ser considerados. O epigrama em dísticos pode mesmo ser considerado uma forma reduzida do que será a elegia romana.

Catulo representa um ponto-chave nesta evolução: é ele quem faz a articulação da narrativa mitológica e da dimensão pessoal do desejo e dos afectos, tendo tido também a importância crucial de assumir uma ruptura com a tradição latina arcaica, tomando como modelos os poetas alexandrinos, o que faz dele o principal dos jovens vanguardistas a que se refere Cícero depreciativamente como νεώτεροι.

---

<sup>7</sup> *Albi, nostrorum sermonum candide iudex,/ quid nunc te dicam facere in regione Pedana?/ Scribere quod Cassi Parmensis opuscula uincat,/ an tacitum siluas inter reptare salubris,/ curantem quicquid dignum sapiente bonoque est?/ Non tu corpus eras sine pectore; di tibi formam,/ di tibi diuitias dederunt artemque fruendi. Epistulae, I, 4, 1-7.*

<sup>8</sup> *insignis forma cultuque corporis obseruabilis.*

Catulo trata o mito como espelho da experiência amorosa do indivíduo, seja por contraste, seja como paradigma a seguir, e sempre com aquela exacerbada paixão catuliana, que tantas gerações impressionou. É o caso do epitalâmio de Tétis e Peleu, o poema 64, bodas em que o amor feliz manifesta a harmonia da união do humano com o divino, da deusa e do mortal, em que é encaixada por *ecphrasis* a triste história de Ariadne e Teseu. E Ariadne abandonada na praia de Naxos, lamentando-se de forma pungente com o seu confrangedor lamento, é também uma *persona*: é Catulo travestido que chora na praia de Naxos, abandonado por Lésbia.

É na sequência deste processo que surge Tibulo, em que o mito se contrai mais para dar um lugar ainda maior ao indivíduo. Propércio, assumindo-se como um Calímaco romano, representa um retrocesso nesta evolução, pois o seu material mítico é mais pesado e menos subordinado ao material subjectivo do que em Tibulo.

Outro elemento relevante da estrutura formal de Tibulo é o facto de os seus poemas se afastarem da tradição narrativa alexandrina, dando lugar a uma contemplação reflectida que se afasta do tempo narrável, criando um tempo acrónico de sonho.

Se verificarmos os tempos verbais dos poemas de Tibulo veremos uma dominância de tempos do *infectum*, presente e imperfeito, que manifestam esta acronia, mesmo quando fala dos tempos de antanho, de uma Roma rural e pia idealizada, que se confunde com a Idade do Ouro. Esta noção temporal de continuidade e a ausência de pretéritos perfeitos, com o seu acontecer, marca com uma serenidade nostálgica todos os seus poemas.

Em vez da narrativa encontramos o devaneio e, algo muito característico do nosso poeta, pequenos quadros idealizados, de carácter teatral, que o poeta imagina e a que dá vida com descrições de grande beleza.

Damos um exemplo: a especulação sobre a primitiva simplicidade do culto aos deuses, que corresponderia a uma maior devoção e sinceridade, facilmente evolui para a visualização de um cortejo religioso com personagens que se tornam concretas, como um quadro dramático, e do qual o poeta passa subitamente a fazer parte, acompanhando as jovens que levam as oferendas:

Então melhor preservavam a fé, quando com culto simples  
se erguia um deus feito de madeira num pequeno santuário,  
e aqui era aplacado, quer alguém fizesse libações com vinho  
quer tivesse oferecido uma grinalda de espigas à sua cabeleira,  
e alguém, tendo alcançado os seus votos  
levava ele próprio os bolos rituais  
e atrás dele a filha pequenita, acompanhando-o,  
levava um favo puro de mel,

...e um porco, vítima oriunda de um aprisco repleto.  
Que eu a siga com uma veste pura  
e leve um cesto atado com murta,  
com a minha cabeça também de murta adornada<sup>9</sup>.

Este afastamento do carácter narrativo da elegia helenística e estas peculiaridades de Tibulo, criador de pequenos quadros de carácter dramático, não podem, no entanto, fazer-nos esquecer a influência real da poesia helenística grega, manifesta em muitos lugares-comuns do género.

Propércio afirma orgulhosamente a sua relação com Mimnermo e Calímaco. Também Tibulo, embora o não professe ostensivamente, se insere nesta tradição. Temos poemas que ilustram muitos dos tópicos da poesia helenística, como o *paraklausithyron*, isto é, um poema diante da porta fechada, em que o poeta, *exclusus amator*, se confronta com a impossibilidade material de se aproximar da amada, tópico helenístico cuja longa tradição remonta a Aristófanes. Mas Tibulo dá-lhe um toque pessoal, ora amaldiçoando ora fazendo súplicas humildes a uma porta personificada:

Tem minha amada agora austero guarda,  
e firme a porta dura aldraba fecha.  
Porta do meu amor, assim difícil,  
que as procelas te açoitem, e que um raio,  
por Júpiter lançado, te fulmine!  
Dobrada a meu queixume, abre-te, porta;  
mas para mim somente, e sem rangeres  
nos duros gonzos, furtivamente entreaberta.<sup>10</sup>

Outra pretensão da poesia helenística era a *poikilia*, a variedade, e essa é abundante no nosso poeta. Em 1. 7 temos os elementos de um *genethliacon*, ou poema de aniversário, mas também da ode heróica, do panegírico e do hino, tudo amalgamado numa unidade em que as fronteiras dos géneros se diluem, como faz Calímaco na sua *Ecale*.

---

<sup>9</sup> *Tum melius tenuere fidem, cum paupere cultu/ Stabat in exigua ligneus aede deus./ Hic placatus erat, seu quis libaverat uua,/ Seu dederat sanctae spicæ sarta comæ,/ Atque aliquis uoti compos liba ipse ferebat/ Postque comes purum filia parua fauum. [...]. Hostiaque e plena rustica porcus bara./ Hanc pura cum ueste sequar myrtoque canistra/ Vincita geram, myrto uinctus et ipse caput. 1, 10, 19-29. Uso uma tradução anónima de Tibulo, *As elegias e os carmes de Tibullo e algumas elegias de Propércio e carmes fugitivos de Catullo, traduzidas em Português por um curioso obscuro*, Porto, 1912, 2ª edição, que altero a meu bel-prazer, pelo encanto que nela vejo, apesar de algumas infidelidades que procuro amenizar.*

<sup>10</sup> *Nam posita est nostrae custodia saeua puellae,/ Clauditur et dura ianua firma sera./ Ianua difficilis domini, te uerberet imber,/ Te Iouis imperio fulmina missa petant./ Ianua, iam pateas uni mihi, uicta querelis,/ Neu furtim uerso cardine aperta sones. I, 2, 5-10.*

A *poikilia* de Tibulo é particularmente original na forma como muda de assunto, numa associação de ideias que, sendo característica da linguagem verbal, manifesta uma lógica muito livre, a lógica do imaginário, em que a concatenação das ideias é feita por associação. Tibulo passeia-se pelas ideias e pelas emoções, sem preocupações de unidade, mas fá-lo com uma subtil naturalidade.

A reflexão sobre as benesses da paz, que permite a actividade agrícola, dá ocasião ao delinear de um pequeno quadro rústico, em que um camponês, já um pouco tocado pelo vinho, regressa a casa levando na carroça a mulher e os filhos, e procura a esposa com alguma violência, arrependendo-se de imediato da sua brutalidade, que leva à zanga dos amantes, instigada pelo brincalhão Amor, que se senta entre eles, e temos outro pequeno quadro, em que o poeta vai devaneando, para acabar uma vez mais na condenação da violência, aqui das guerras amorosas:

Do bosque a esposa e os filhos  
conduz na carroça o lavrador a casa,  
não muito sóbrio ele mesmo. Mas de Vénus  
então as rixas fervem: sente a moça  
o cabelo arrancado e a porta entrada;  
da tenra face a pisadura chora.  
E chora o vencedor sua louca força.  
Zombeteiro, o Amor na luta aguça injúrias,  
e lento enfim entre ambos vem sentar-se.  
Ai! Tem de ferro o coração quem fere  
a sua amante: do céu provoca os deuses!<sup>11</sup>

O campo é o não-lugar, utopia onde se projecta um universo que nunca existiu senão nos anseios do poeta. Constituiu um dos temas fundamentais de Tibulo, como nos diz: “canto os campos, e os deuses dos campos”, *Rura cano, rurisque deos*. O campo é o embrião de todas as artes ligadas à civilização, foi no campo que foi abandonada uma alimentação primitiva à base de bolota, que surgiu a construção de casas, a domesticação de animais, a construção de carroças, o cultivo de árvores de fruto, o regadio dos hortos, o fabrico do vinho, etc.<sup>12</sup>. É o espaço estruturado de uma continuidade que permite o progresso e

<sup>11</sup> *Rusticus e lucoque vehit, male sobrius ipse./ Uxorem plaastro progeniemque domum./ Sed Veneris tum bella calent, scissosque capillos/ Femina perfractas conqueriturque fores./ Flet teneras subtusa genas, sed victor et ipse/ Flet sibi dementes tam ualuisse manus. / At lasciuus Amor rixae mala verba ministrat./ Inter et iratum lentus utrumque sedet./ A, lapis est ferrumque, suam quicumque puellam/ Verberat: e caelo deripit ille deos. I, 10, 50-60.*

<sup>12</sup> *rura cano rurisque deos. his uita magistris/ desuevit querna pellere glande famem./ illi compositis primum docuere tigillis/ exiguam uiridi fronde operire domum./ illi etiam tauros primi docuisse*

confunde-se nesta função com as benesses da paz, que permitem a civilização, a estruturação e a continuidade:

Entretanto os campos lavre a paz: formosa  
curvou a paz os bois; a paz as vides alimenta,  
e de sumo faz inchar as uvas,  
que o filho beberá no copo do pai.  
Na paz a enxada e a relha brilham, tristes  
do cruel guerreiro as armas a ferrugem  
come na penumbra.<sup>13</sup>

Esta dimensão campestre tem a ver com um ambiente literário, que encontra as suas raízes nas tendências bucólicas de Filetas e se manifesta também na Arcádia da poesia bucólica propriamente dita, como acontece com o contemporâneo Vergílio.

Mas o campo de Tibulo não é o campo dos pastores poetas, é o do antigo lavrador romano, com a sua boçalidade, mas também com a sua inocência e pureza. É o espaço alternativo à política, à ganância, à guerra. O espaço onde o amor não tem portas fechadas. O homem violento não tem lugar nele e deve antes partir para os combates. É o espaço do amor feliz, fonte de vida que se opõe também ao caminho lesto para a morte que a guerra abre. Enquanto se é jovem, convém amar, pois a velhice e a morte vêm ligeiras, e a *militia amoris* é a única milícia que lhe interessa:

Mas agora, que à porta meter ombros me não peja,  
senão que até me apraz travar-me em rixas,  
é que é suave o amor. Nestes combates  
de bom soldado e capitão me prezo.  
Longe pendões e trompas!  
Aos gananciosos levai a morte e o saque.  
Eu, certo no gozo dos meus bens, e descuidado,  
luxos desprezo, desprezando a fome.<sup>14</sup>

E é o veemente anseio de regressar a esse tempo mítico que o poeta exprime ao protestar que ele próprio pegará na enxada e se dedicará ao duro

---

*feruntur/ seruitium et plaustro supposuisse rotam. /tum uictus abiere feri, tum consita pomus,/ tum bibit inriguas fertilis hortus aquas. II, 1, 37-44.*

<sup>13</sup> *Interea pax arua colat. pax candida primum/ Duxit araturos sub iuga curva boves,/ Pax aluit uites et sucos condidit uuae,/ Funderet ut nato testa paterna merum,/ Pace bidens uomerque nitent—at tristia duri/ Militis in tenebris occupat arma situs. I, 10, 45-50.*

<sup>14</sup> *Nunc leuis est tractanda Venus, dum frangere postes/ Non pudet et rixas inseruisse iuuat./ Hic ego dux milesque bonus: uos, signa tubaeque,/ Ite procul, cupidis uolnera ferte uiris,/ Ferte et opes: ego composito securus aceruo/ Despiciam dites despiciamque famem. I, 1, 73-8.*

trabalho braçal dos campos:

Eu mesmo, na estação própria,  
as tenras vides e árvores de bons pomos,  
lavrador plantarei com mão perita.<sup>15</sup>

E, mais adiante,

e nem me peje alguma vez da enxada lançar mão,  
instigar com o aguilhão os lentos bois  
nem ao colo a cordeira ou as cabrinhas  
esquecidas da mãe trazer a casa.<sup>16</sup>

Não esperaríamos certamente ver um *equus Romanus* de enxada na mão. Mas este cavaleiro quer realmente afastar-se do ruído do mundo para um universo rural de pureza primitiva, que nunca terá provavelmente existido como ele o concebe, e é este profundo anseio que ele pretende exprimir, de forma metafórica.

Há, no entanto, um aspecto biográfico que deve ser tomado a sério, e se reveste da maior relevância para a compreensão da obra, a sua ligação a Messala Corvino, em cujo círculo gravitavam também Lígdamo, Sulpícia e o autor do Panegírico de Messala, cujos textos surgem na tradição manuscrita unidos aos dezasseis poemas do livro I e II de Tibulo, e que com os dois *priaepe* e a *Vita* constituem o chamado *Corpus Tibullianum*.

Messala ocupa um lugar importante na obra de Tibulo, que acompanhou o seu patrono em campanhas militares à Aquitânia, na sequência dos combates subsequentes à batalha de Áccio, em que Messala participou, e segundo a *Vida* combateu bem, merecendo honras militares<sup>17</sup>.

Esta informação coincide com a afirmação do poeta na elegia sétima do livro I: o triunfo militar de Messala não foi alcançado sem o seu esforço de guerreiro, *non sine me*, e invoca os rios da Aquitânia como suas testemunhas.

A ti, Messala, com a coroa de louras da vitória,  
te levava uma biga de marfim com resplandecentes corcéis.  
Mas não foi sem mim que tu conseguiste a glória!  
Nos Pirenéus, Tarbela é testemunha  
e as costas do Santónico Oceano,  
são testemunhas do Arar a corrente,

<sup>15</sup> *Ipse seram teneras maturo tempore uites/ Rusticus et facili grandia poma manu.* I, 1, 7-8.

<sup>16</sup> *Nec tamen interdum pudeat tenuisse bidentem/ Aut stimulo tardos increpuisse boues./ Non agnamue sinu pigeat fetumue capellae/ Desertum oblita matre referre domum.* I, 1, 29-32.

<sup>17</sup> *Aquitanico bello militaribus donis donatus est.*

o Ródano veloz, o grande Garona,  
e do Líger azul os loiros Carnutos.<sup>18</sup>

E se esta acumulação de hidrónimos e topónimos nos faz pensar no muito alexandrino prazer de alardear erudição geográfica, há uma diferença substantiva e sintomática: estas terras distantes não são referidas para espantar quem delas nunca ouviu falar. O poeta esteve lá, lutou e sofreu lá. Também neste caso a objectividade alexandrina toma uma dimensão concreta e real. Tibulo como soldado não tem nada de que se envergonhar. Este dado é relevante para a sua reflexão sobre a guerra e a sua perspectiva de vida. Sabe de que fala.

Mas a sua recusa da guerra não será, para além das teorias epicuristas e do género literário, que prescreve a *inertia* e a *nequitia*, a atitude mais expectável em qualquer Romano que tivesse presenciado a sangueira e as chacinas que ocorreram entre a morte de César e a ascensão de Augusto?

Sabemos que Messala era homem de guerra, mas também um orador notável e um literato preocupado com a correcção linguística. Dele diz Séneca pai que era minucioso em todos os estudos e diligentíssimo cultor da língua latina<sup>19</sup>, e Tácito considera-o melhor do que Cícero, precisamente no estilo, que é menos empolado, mais suave que Cícero e mais doce e mais elaborado nas palavras<sup>20</sup>. Já Quintiliano lhe critica a falta de energia, elogiando-lhe o requinte<sup>21</sup>.

Nestas apreciações vislumbra-se o neo-aticismo, com a sua preocupação com a correcção gramatical e a rejeição da exuberância ciceroniana como modelo, gosto que triunfou no período augustano.

Estas opções estilísticas são partilhadas por Tibulo, com a sua aparente simplicidade e óbvia suavidade. Homem de muitas leituras, é culto e insere-se numa tradição literária helenística, sem fazer contudo alarde da sua erudição, ao invés de Propércio. Mas a sua sensibilidade delicada impele-o para um estilo próprio, de grande suavidade. É isso que atesta o testemunho de Ovídio, que o chama *cultus*, requintado, e de sensibilidade delicada, *ingenium mite*<sup>22</sup>.

Ao ler qualquer página de Tibulo em Latim somos impressionados pela clareza e simplicidade, mas sobretudo pela harmonia da frase, que acompanha

---

<sup>18</sup> *At te uictrices lauros, Messalla, gerentem/ Portabat nitidis currus eburnus equis./ Non sine me est tibi partus honos: Tarbella Pyrene/ Testis et Oceani litora Santonici,/ Testis Arar Rhodanusque celer magnusque Garunna,/ Carnutis et flavi caerulea lympha Liger.* I, 7, 7-12.

<sup>19</sup> *exactissimi ingenii quidem in omni studiorum parte, sed Latini utique sermonis observator diligentissimus, Controversiae,* II, 4, 8.

<sup>20</sup> *Cicerone mitior Coruinus et dulcior et in uerbis magis elaboratus. Dialogus de oratoribus,* 18.

<sup>21</sup> *At Messala nitidus et candidus et quodam modo praeferens in dicendo nobilitatem suam, uiribus minor,* X, 1, 113.

<sup>22</sup> “*Cultus*”, *Amores*, II.15.28; 3.9.66; “*ingenium mite*”, *Tristia*, V, 1, 18.

a harmonia do seu mundo ideal. Essa harmonia é sobretudo conseguida através de uma equilibrada utilização de aliterações, assonâncias e anáforas.

Vejam os o último verso da primeira elegia do livro primeiro. Aqui o exemplo tem mesmo de ser em Latim:

*Ego composito securus aceruo  
despiciam dītes despiciam famem.*

Eu, seguro com um pecúlio composto,  
desprezarei os ricos e a fome desprezarei.

Temos as aliterações do *d*, as brandas nasais, as assonâncias do *i*, que ilustram a harmoniosa segurança do conforto de que se usufrui no mundo que o poeta para si imagina, sem fausto e sem carências.

A anáfora, um dos recursos de que mais se serve, tem nele uma função particular. Enquanto noutros poetas a anáfora exprime a violência das emoções, exacerbada pela iteração, e que provoca no leitor um sentimento de angústia e crispação, em Tibulo é abundantemente usada para criar uma ordem harmoniosa e plácida, uma afirmação renovada das coisas básicas que estruturam o seu universo. Esta anáfora, maioritariamente de substantivos e pronomes, é fonte de serenidade, reiterando a estruturação do seu mundo perfeito:

*No campo o menino, a vez primeira,  
coroou de flores os antigos Lares;  
no campo foi também que a branca ovelha,  
cuidando no porvir das ternas moças,  
a finíssima lã despiu do corpo.<sup>23</sup>*

O próprio tema fundamental da elegia amorosa, o amor, se integrará neste mundo campestre.

Cinco poemas do primeiro livro mencionam uma Délia, que Apuleio identifica com uma tal Plânia, família de que nada se sabe, a não ser que é a principal musa das elegias de Tibulo. A relação erótica aspira a uma relação mais séria, pesem embora as convenções da elegia amorosa, em que a amada não é de todo uma mulher desposável, ou porque vive com um *coniux* ou porque é sustentada por um *diues amator* ou porque tem um estatuto social baixo.

Com Délia, porém, Tibulo fantasia uma relação em que se presente o desejo de um compromisso praticamente conjugal, por exemplo quando se imagina

<sup>23</sup> *rure puer uerno primum de flore coronam/ fecit et antiquis imposuit Laribus./ rure etiam teneris curam exhibitura puellis/ molle gerit tergo lucida uellus ouis .II, 1, 59-62.*

com ela na sua quinta, cujas actividades ela partilha com o poeta, completamente integrada no seu universo de rusticidade piedosa, a ser visitado por Messala, a quem a amada oferece os frutos da quinta, como verdadeira anfitriã:

Eu cultivarei os campos e junto a mim dos frutos  
Délia a guarda será, quando as espigas  
sob o pino do sol trilhar a eira;  
das cheias dornas velará os cachos,  
e o mosto, de ágeis pés manando, puro;  
há-de acostumar-se a contar o gado  
e a ter, brincando no fagueiro seio  
o gárrulo menino há-de habituar-se  
ela ao deus do colono as roxas uvas  
pelas vides porá, e a fulva espiga  
pela seara e pela grei oferendas:  
em tudo há-de mandar, olhar por tudo,  
folgando por eu nada ser em toda a casa.  
Ali virá o meu Messala: pronta  
e de árvores escolhidas os doces pomos  
há-de trazer-lhe Délia; a herói tamanho  
metendo brios em mimá-lo,  
em cuidá-lo, em servi-lo e pôr-se às suas ordens,  
a mesa aparelhar-lhe ela própria e as iguarias.  
Isto para comigo imaginava, votos que agora  
o Euro e o Noto dissipam pelos perfumada Arménia.<sup>24</sup>

O poeta anseia pela fidelidade da sua amada, e deseja ser ele a colocar portas sólidas entre ela e os seus pretendentes, recorrendo a uma vigilante rigorosa, colocando-se na situação oposta àquela que definem as regras do género para o poeta elegíaco:

Tu sê-me casta, te peço, e que, sentinela do santo pudor,  
Uma anciã zelosa esteja sempre sentada junto de ti.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> *Rura colam, frugumque aderit mea Delia custos, / Area dum messes sole calente teret, / Aut mihi seruabit plenis in lintribus uuas / Pressaque ueloci candida musta pede; / Consuescet numerare pecus, consuescet amantis / Garrulus in dominae ludere uerna sinu. / Illa deo sciet agricolae pro vitibus uuam, / Pro segete spicas, pro grege ferre dapem. / Illa regat cunctos, illi sint omnia curae, / At iuuet in tota me nihil esse domo. / Huc ueniet Messalla meus, cui dulcia poma / Delia selectis detrahat arboribus; / Et tantum uenerata virum hunc sedula curet, / Huic paret atque epulas ipsa ministra gerat. / Haec mihi fingebam, quae nunc Eurusque Notusque / Iactat odoratos uota per Armenios. I, 5, 21-36.*

<sup>25</sup> *At tu casta precor maneat, sanctique pudores / Adsideat custos sedula semper anus. I, 3, 83-4.*

Horácio assinala esta incongruência com as regras literárias da elegia, que correspondem de facto também a uma *dolce vita* dos jovens da aristocracia da época, dando conta desta originalidade de Tibulo, uma pessoa que se leva demasiado a sério e que tende a escapar do confronto com a vida, recusando-se a aceitar a ligeireza e a ausência de compromisso próprias dos amores dos poetas elegíacos, amores desencontrados que Horácio olha de longe com divertido cinismo, recomendando amores menos complicados:

Álbio, não sofras demasiados lembrando-te da cruel  
 Glicera nem entoes elegias tristes,  
 Perguntando-te, quebrada a confiança que tinhas,  
 Por que razão te eclipsa um mais jovem...

O amor por Ciro abrasa Licóris, conhecida  
 Por ter uma testa pequena, Ciro enamora-se  
 Da ríspida Fóloe, mas antes que Fóloe caísse no erro  
 De amar tal torpe adúltero,

Já as cabras montesas com os lobos da Apúlia casariam.  
 Assim aprouve a Vénus, que se diverte,  
 Cruel divertimento, a colocar jugo de ferro  
 Em formas e almas discordantes.<sup>26</sup>

Nestes amores mais ligeiros se contarão as referências de Tibulo a Márato, um rapazinho que figura em dois poemas, amores efébricos pouco frequentes na poesia latina, e a uma cortesã chamada Némesis.

O que torna Tibulo um autor querido dos seus compatriotas é, embora Quintiliano o não o diga, a sua profunda romanidade. Há nele a criação de um universo poético alternativo à realidade, em que se refugia. E, no entanto, este universo tem características fundamentais de romanidade: é a *pietas* de uma religião primitiva e simples, em cujos cândidos rituais se compraz, a sedução pela magia e pelas feiticeiras, as *sagae*, sem a crítica racionalista dos epicuristas mais militantes, é um universo bucólico que compartilha com Vergílio, mas em que não têm entrada nem a figura do *princeps* nem as questões políticas da época, pois o poder não cabe num mundo de simplicidade rústica, com os seus copos de madeira, a candura da religião com as suas jovens de grinaldas no cabelo, os seus camponeses um pouco tocados pelo álcool.

<sup>26</sup> Tradução de Pedro Braga Falcão, *Odes*, Cotovia, Lisboa, 2008, p. 112. Texto latino: *Albi, ne doleas plus nimio memor/ inmitis Glyceræ neu miserabilis/ descantes elegos, cur tibi iunior/ laesa prænitateat fide.[...]/ Insignem tenui fronte Lycorida/ Cyri torret amor, Cyrus in asperam/ declinat Pholoen. sed prius Apulis/ iungentur capreae lupis [...].quam turpi Pholoe peccet adultero. / Sic uisum Veneri, cui placet imparis/ formas atque animos sub iuga aenea/ saeuo mittere cum ioco. Carmina, I, 33.*

Um universo em que a dimensão de continuidade está fundamente alicerçada na instituição familiar. É aos seus deuses Lares, junto aos pés dos quais brincou em criança, à sombra dos quais cresceu, que o poeta pede protecção contra os perigos da guerra<sup>27</sup>, ele que é “ aos combates arrastado”, e a estes deuses da casa, das memórias de infância da família, que o poeta invoca, guerreiro contrariado e com medo da morte, que de forma muito física e real já pode estar na ponta dos dardos que algum inimigo traz consigo, no próprio momento da enunciação poética<sup>28</sup>. A família é protecção e é continuidade que estrutura, numa ordem que a guerra quebra e fragmenta.

Nesta “elegia da paz”, há uma dimensão social que os outros elegíacos não têm. A guerra é para Tibulo não só a inimiga do amor, dos afectos, do seu universo de felicidade sonhada, mas também de um mundo real em que se estrutura a sociedade com os valores da civilização. Tem medo de morrer, o que é humano, apesar da sua valentia nas campanhas da Aquitânia, mas percebe o carácter disruptivo da guerra do ponto de vista social e a loucura que é apressar a morte, o que representa uma superação do individualismo básico dos poetas epicuristas.

E a guerra é algo que conhece de forma concreta. Mas também não invectiva os que a ela se dedicam, como o fazem os epicuristas mais militantes, como é o caso de Horácio, para quem o comerciante que afronta os perigos do mar na mira do lucro é louco, o comércio marítimo torna rico *iure*, com justiça, os que afrontam a ira do mar e as procelas. Ou o guerreiro que procura a morte por sua iniciativa.

Não é uma loucura, há mesmo pessoas a quem convém, e pessoas por quem o poeta tem apreço. A Messala convém o guerrear: *Te decet Messalla, bellare*. Mas o poeta tem outra perspectiva, sem julgar depreciativamente outras maneiras de viver a vida. E isto é senso comum, forma pouco comum da sabedoria:

Seja rico com mérito aquele que é capaz  
de arrostar com o furor do mar e com as tristes chuvas.  
Oh, que pereça quanto de ouro há e de esmeraldas,  
antes que a minha amada sofra por causa das minhas viagens.  
A ti fica-te bem, Messala, combater por terra e mar,  
para que a tua casa ostente despojos inimigos;  
a mim retêm-me preso os laços de uma linda rapariga  
e fico sentado como porteiro diante de uma porta insensível.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> *Sed patrii seruate Lares: aluistis et idem, / Coursarem uestros cum tener ante pedes.* I, 10, 15-6.

<sup>28</sup> *Diuitis hoc uitium est auri, nec bella fuerunt, / Faginus adstabat cum scyphus ante dapes. / Non arces, non uallus erat, somnumque petebat / Securus sparsas dux gregis inter oues. / Tunc mihi uita foret, uolgi nec tristia nossem / Arma nec audissem corde micante tubam; / Nunc ad bella trabor, et iam quis forsitan hostis / Haesura in nostro tela gerit latere.* I, 10, 7-14.

<sup>29</sup> *Sit diues iure, furem / Qui maris et tristes ferre potest pluuias. / O quantum est auri pereat*

Vive Tibulo num mundo inventado, mas inventado de acordo com uma sensibilidade simultaneamente delicada e conservadora, apaixonada mas tingida de uma veneração pelo *mos maiorum* e um senso comum que a moderam, um sentido prático, avesso aos delíquios eróticos que nele nunca são grosseiros nem obscenos, como acontece com um Catulo mais dominado pela ira e pelo ciúme, ou com a brejeirice despudorada e amoral de Ovídio, mantendo-se numa contenção que se compraz mais com o sobressalto dos amantes que vão encontro um do outro do que com o próprio acto sexual:

Furtiva perpassando em sono os guardas,  
 a seu mando (de Cupido), sozinha, à noite a bela  
 Corre ao mancebo e, de temor suspensa,  
 com os pés estuda o chão, tacteia, explora  
 Com as cegas mãos alguém no sítio escuso  
 Infeliz quem tal deus severo oprime!  
 Ah, feliz, quem a Amor plácido anima.<sup>30</sup>

Há nele uma elevação. Se os elegíacos são poetas do afastamento relativamente à sociedade, Tibulo é um elegíaco em que grande parte da sociedade romana se pode ver reflectida.

Uma das razões para a guerra é a ganância, mas outras há, ponderosas: a glória de Roma, a noção de império, a relação com o poder. A literatura da época de Augusto está condicionada de modo geral pela sua relação com o poder político, e os elegíacos assumem uma atitude contrária ao *main stream* desta literatura oficial, com a sua exaltação do império.

O facto é que o lugar do poeta é o palácio, trata-se de uma literatura áulica. Ao círculo de Augusto e Mecenas pertencem Vergílio e Horácio, ao de Messala os opositoristas moderados, antigos partidários de António reciclados e convertidos a um Augusto triunfante. O centro da oposição literária seria o círculo de Asínio Polião. A ligação de Tibulo a Messala é claramente pessoal, sem qualquer dimensão política, que está totalmente fora dos seus horizontes. A sua única referência à política é a de II.5, em que alude a Áccio de forma indirecta: é um alívio a guerra estar resolvida, porque Apolo já pode voltar a ser apenas o deus do canto. O mesmo Apolo que Vergílio coloca no canto VIII a combater ao lado de Augusto.

---

*potiusque smaragdi, / Quam flect ob nostras ulla puella uias. / Te bellare decet terra, Messalla, marique, / Ut domus hostiles praeferat exuuias; / Me retinent uinctum formosae uincla puellae, / Et sedeo duras ianitor ante fores.* I, 1, 49-56.

<sup>30</sup> *hoc duce custodes furtim transgressa iacentes/ ad iuuenem tenebris sola puella uenit/ et pedibus praetemptat iter suspensa timore, / explorat caecas cui manus ante uias. / a miseri, quos hic grauiter deus urget! at ille/ felix, cui placidus leniter adflat Amor.* II, 1, 75-80.

A ambição do império e da glória de Roma não têm cabimento no mundo sonhado de Tibulo. E nisso a sua romanidade se afasta de Vergílio. Nele também não encontramos a subserviência patriótica a que se dobra Propércio, mas também não encontramos o afrontamento concreto e prático de Ovídio, cujo choque contra a moral vigente tem contornos hedonistas muito reais nos *Amores* e na *Ars amatoria*.

A violência, ainda que patriótica, repugna-lhe. Também no seu universo elegíaco a violência do homem sobre a rapariga é banida e apostrofada, e a venalidade no amor repudiada. E esta sua tripla recusa do poder, da força e do dinheiro afastam-no inevitavelmente da realidade.

Nesta idealização de um mundo, que Tibulo sabe, no fundo, que nunca existiu, de frugalidade, piedade, probidade, de antanho, espaço onde o poeta se refugia do seu tempo e do seu lugar, mas que tem algo de profundamente romano, Tibulo aproxima-se da Idade de Ouro, velho tema que o poeta aborda em I, 10, 35-50. Esta identificação é marcada sobretudo pela ausência da guerra, no tempo mítico antes de serem inventadas as espadas, tempo em que gostaria de ter vivido.

Catulo é mais arrebatado, Propércio mais douto, Ovídio mais brejeiro, Horácio mais requintado e racional, mas nenhum tem aquela serenidade melancólica e distanciada nem a mesma capacidade de criar universos. Nenhum é tão romano nem tão humano.

Qual deles poderia ser melhor do que Tibulo para ir de companhia com Vergílio na sua última viagem para os Campos Elísios? Vergílio canta a missão civilizadora de Roma, canta a violência dos combates, mas com uma comiseração pelo sofrimento que a guerra comporta que Tibulo certamente compreenderia, canta os campos e a vida do agricultor, exprime e define a Romanidade, projectando a Idade de Ouro num futuro próximo. Tibulo olha para trás e para dentro, com a mesma piedade, o mesmo bucolismo sonhado, o mesmo apeço pelos valores ancestrais. Um preferiu o Amor, o outro a glória de Roma.

Há em Tibulo valores em que se reconhece uma Romanidade basilar, o que a meu ver explica, mais do que a sua inegável qualidade artística, a estima em que é tido pelos antigos Romanos. Encarna uma cultura.

Mas há também nele uma suave humanidade, feita de valores e atitudes fundamentais, ao arrepio das circunstâncias da literatura oficial da sua época, afirmando um pacifismo no meio da brutalidade em que teve de tomar parte, no repúdio do ruído e da sordidez da vida real, da ambição, da violência, da ganância, perspectivas de vida em que o homem comum do seu tempo, mas também o homem moderno, descrente de paraísos prometidos, se revê. É esse o seu fascínio.